

## **Problemas no ensino de adjetivos e locuções adjetivas para estrangeiros**

Sérgio Paulo Gomes de Vasconcelos (UERJ e PUC-Rio)

O ensino do português para estrangeiros envolve duas situações: (1) ensinar a língua portuguesa no exterior em um país estrangeiro; e (2) ensinar a língua portuguesa para um estrangeiro residente no Brasil.

Nos dois casos, há facilidades e dificuldades. No que tange ao primeiro caso, o aluno, caso não venha a ter qualquer outro contato com a língua (através de músicas, programas de TV, filmes, Internet), aprenderá apenas aquilo que o professor lhe ensinar, ou seja, a língua padrão e algumas variações que lhe sejam ensinadas.

No segundo caso, o aluno está exposto diariamente à língua, vindo a ter seu aprendizado bastante acelerado, todavia, não aprenderá apenas a variante padrão da língua, mas terá contato com diversas outras, o que poderá ser facilitador ou não de seu aprendizado, uma vez que muitas delas se distanciam da norma padrão e podem causar-lhe “vícios”. Neste caso, a figura do professor bem treinado será extremamente importante.

Neste artigo, analisaremos o problema que envolve a dinâmica da colocação do adjetivo em relação ao substantivo a que se refere, seja em anteposição ou posposição, além de considerarmos as locuções adjetivas e seus problemas, concernente ao ensino/aprendizado do Português com Língua Estrangeira (PLE).

Nossa proposta é analisar brevemente as questões que envolvem o aprendizado de adjetivos e locuções adjetivas por falantes de inglês, espanhol, francês, alemão e italiano. Escolhemos estas línguas por se tratarem de línguas de cultura no mundo Ocidental.

Em nosso trabalho dispensaremos considerações sobre pronomes adjetivos.

Sabemos que na língua portuguesa em um número muito grande de casos o adjetivo poderá ser anteposto ou posposto ao substantivo, alterando em maior ou menor grau o valor daquele nome a que se refere; e isto contribuirá também para uma alteração parcial ou total do sentido de da frase. Vejamos um exemplo esclarecedor.

(1) Ao fim de 30 anos de trabalho, despedi-me da mesa **velha**.

(2) Ao fim de 30 anos de trabalho, despedi-me da **velha** mesa.

Em (1) notamos que a frase denota referencialidade, a mesa realmente é velha, pode estar com lanhos, talvez lhe faltem lascas, talvez esteja desequilibrada, dificultando o trabalho sobre ela. Enfim, ela é velha pelas marcas do tempo.

No entanto, em (2) notamos que a frase conota sentidos externos ao enunciado. Este elemento trabalhou por 30 anos junto àquela mesa e agora tem de deixá-la. O estado físico dela não importa: ela pode estar nova em folha, apesar de seus 30 anos, ou mesmo em estado precário, contudo é velha pelo tempo cronológico que passaram juntos. Nesse caso, o sintagma “velha mesa” tem o sentido semântico estendido para “companheira”.

Acreditamos ser este um assunto de máxima importância para um trabalho dirigido aos estudos relacionados ao PLE, afinal para nós este mecanismo é de uso corrente, além de certas expressões já serem cristalizadas na língua, como por exemplo:

(3) Ele é um homem de **boa** vontade.

Comparemos com a ordem usual da língua, a saber, a posição do adjetivo:

(4) \*Ele é um homem de vontade **boa**.

Um outro exemplo que ilustra a importância desta consideração é a tradução para o inglês da célebre frase de Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*,

(5) “Eu não sou um autor defunto, mas um defunto autor.”

Que ganhou a seguinte forma: “... I am not exactly a writer who is dead but a dead man who is a writer,...”, conforme traduzido por Gregory Rabassa. (<http://www.kirjasto.sci.fi/machado.htm> acessado em 21 de setembro de 2005.) Nota-se claramente que a quase ausência da possibilidade de movimentação do adjetivo na língua inglesa faz com que sejam utilizados mecanismos sintáticos capazes de expressar naquela língua o que ocorre em português.

Assim, pelo nosso conhecimento da língua inglesa, podemos afirmar que é de se esperar que anglofalantes venham a ter certas dificuldades com a movimentação dos adjetivos e conseqüentemente compreensão do sentido expresso através dela, conforme veremos mais adiante.

Acreditamos ser muito importante que um aluno estrangeiro conheça este meandro da língua portuguesa, para reconhecê-lo ao ouvi-lo ou lê-lo e saber utilizá-lo corretamente, tanto na fala como na escrita, ampliando sua potencialidade expressiva, especialmente aqueles que desejam dedicar-se aos estudos literários, principalmente à poética em língua portuguesa.

Através de um exame de um corpus de crônicas de jornais pudemos dividir as ocorrências dos adjetivos em cinco grupos:

- anteposições ou posposições possíveis, mesmo com variação de valor semântico ou estilístico;
- impossibilidade de anteposições ou posposições: Ex.: “...mas Vanessa **ficou ótima** num modelo...”;
- alterações impossíveis por razões sintáticas do frase: Ex.: “Os **camelôs** de Ipanema estão cada vez mais *fashion*.”;
- alterações possíveis, mas não adequadas para ou um texto oral ou certos textos escritos: Ex.: “... a Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou projeto **reservado às mulheres candidatas**, já nas próximas eleições, ...”
- estruturas cristalizadas: Ex.: “endereço **eletrônico**, assistência **médica**, cesta **básica**, etc”

Ensinar português para um estrangeiro não é o mesmo que ensinar para um brasileiro. Os anseios e necessidades são diferentes. Muitos estrangeiros adultos vêm para o Brasil fazer pós-graduação, assim, alguns grupos tem pouco interesse em aprender regras gramaticais, como, por exemplo, os anglofalantes. Por outro lado, os ale-

mães são minuciosos com respeito ao aprendizado da gramática. Deste modo, no que diz respeito à gramática, não há necessidade de apegar-se a regras complexas, mas demonstrar-lhes o comportamento do adjetivo na língua portuguesa.

É o que o Professor Bechara diz em seu livro **Ensino de gramática. Opressão ou liberdade:**

(...) não se preocupe em *definir* o adjetivo em português, pois que o conceito de adjetivo deve ser o mesmo em todas as línguas; deve sim, em sala de aula, insistir nas características do comportamento desta classe em português, características que o fazem diferir do adjetivo em francês ou em inglês. (BECHARA, 1999, p. 58)

Em uma pesquisa com o uso de adjetivos em textos jornalísticos, fizemos uma análise de apenas 10 crônicas de do Jornal do Brasil e de O Globo, publicadas a intervalos diversos. A seguir, vemos um quadro com os resultados parciais obtidos.

Alterações ou posposições possíveis .....	92 .....	27,2%
Impossibilidade de anteposições ou posposições ...	102 .....	30,2%
Alterações impossíveis por razões sintáticas .....	82 .....	24,2%
Alterações possíveis, mas não adequadas .....	23 .....	06,8%
Estruturas cristalizadas .....	39 .....	11,5%

Como se vê pelos números, em pouco mais de um quarto do corpus pesquisado até agora, o deslocamento do adjetivo (mais uma vez dizendo, com ou sem grande variação de sentido) mostra ser um número surpreendentemente pequeno até agora.

A impossibilidade por razões sintáticas é dinâmica. A movimentação do adjetivo **branca** em “neve **branca**”, que pode ter sua posição alterada por “**branca** neve”, fica em impossibilitada em uma expressão tal como “A **neve** do Alasca é muito **branca**.”

Neste caso, branca continua sendo um qualificador de “Alasca”, mas sua movimentação na frase é impossibilitada. A movimentação do adjetivo em relação ao substantivo não ocorrerá em função um do outro, mas ficará impossibilitado por fatores sintáticos externos aos dois elementos.

Por fim, um outro item que merece nossa observação neste momento é a grande quantidade encontrada de termos cristalizados. Ao nos depararmos com os adjetivos, fizemos uma análise dos adjetivos e substantivos e notamos que eles não podem variar por só surgirem daquela forma na língua, como por exemplo Revolução **Republicana** e outras formas de revolução.

Analisemos agora como os adjetivos se comportam em cada língua estrangeira objeto de nosso estudo.

Na LÍNGUA ESPANHOLA, a regra geral é a posposição do adjetivo ao substantivo, todavia, há nesta língua mecanismos de anteposição semelhantes aos do português. Vejamos trechos retirados de um método de ensino de língua espanhola.

Luis ha telefonado **que ha tenido un buen viaje**. (p. 112) grifo deles.

Neste caso, ocorre uma estrutura cristalizada, semelhante à língua portuguesa. E agora vejamos outros dois casos, ainda no mé-

todo de ensino de língua espanhola: um de anteposição de adjetivo e o outro de posposição.

PINZÓN, Martín Alonso. Navegante español (1440-1493). Participo com su Hermano en el **primer viaje** de Colón a América. Fue ele comandante de la carabela *Pinta*. Su intervención en la empresa del descubrimiento de América fue muy eficaz tanto por sua **aportación económica** como por suas conocimientos de geografía y náutica. Colón lo acuso de traidor por haberse separado de la expedición durante dos meses. (p. 124) (grifo nosso)

Deste modo, podes-se notar que os adjetivos em espanhol podem se usados tanto precedendo como sucedendo o nome referido.

Além deste caso, pode-se mencionar o caso da “apócope de adjetivo”.

Apócope de adjetivo – a) Los masculinos singulares *bueno* y *malo* se reducen a *buen* y *mal* respectivamente en toda construcción atributiva cuando preceden inmediatamente a la palabra que es núcleo de la construcción atributiva (substantivo o palabra que haga su veces) u cualesquiera que sean los fonemas a los que preceden: *al buen tuntún; buen entendedor; de buen ver; mal aspecto; mal cuerpo*, etc. Los femeninos singulares *bueno* y *mala* pierden, em lãs mismas condiciones, la vocal “-a”, pero solo em la frase *en buen hora*, *en mal hora* (se dice también *en buena*, *en mala hora*). De la naturaleza de los fonemas contiguos depende, em cambio, em gran parte el uso de *grande* y de su forma apocopada *gran*, com perdida em este caso de la última sílaba. La forma apocopada es caso la única usada ante

nombre que empieza por consonante: *gran triunfo*, *gran derrota*. *Grande* es de escaso uso em esta posición: *grande lienzo* (G. Miro, *La novela de mi amigo*, V.) Pero es la única que se emplea mucho más gran que grande: gran empeno, gran infâmia, y gastante mas también de lo que fue empleada por los clásicos. Hoy grande es de uso casi exclusivamente literário. [RAS; p.194]

Para nós, falantes do português, e para os falantes do espanhol, dada a proximidade das línguas, ao mesmo tempo que surge uma facilidade para o aprendizado, surge também o perigo de ocorrer o fenômeno lingüístico da **fossilização**. Todos conhecemos estrangeiros que se expressam de modo incorreto na língua portuguesa. Seu discurso é compreensível, mas o repertório de que dispõem é restrito e eles não desejam ampliá-lo, uma vez que com ele podem ser compreendidos. Não é incomum ouvirmos cônjuges de brasileiros, especialmente anglofalantes, dizendo frases como: “Eu *gostar* muito do Rio de Janeiro e *do* Bahia.”

Para eles, o processo de comunicação foi estabelecido e eles não sentem necessidade de irem além. E este é o grande problema para os falantes do espanhol ao aprenderem português. Ao atingirem um determinado nível de conhecimento da língua portuguesa, muitos abandonam o aprendizado formal com o professor de língua estrangeira e passam a se expressar no chamado “portunhol”.

A LÍNGUA FRANCESA tem um sistema de distribuição de adjetivos semelhante ao da língua portuguesa. Conforme nos informa

a *Grammaire Expliquée du Français*, há alguns modos de colocação dos adjetivos.

- são **geralmente** colocados após o nome. [p. 98]
- os adjetivos que indicam “cor, forma, nacionalidade e particípio passado” são colocados **após** o nome. [p. 99]
- há adjetivos que podem ser colocados tanto antes como depois do nome, conforme exemplos a seguir. [p. 99]

(1) *C'est un homme **pauvre**.*

(2) *C'est un **pauvre** homme.* [p. 99] (grifo nosso)

Neste último caso, em (1) temos um valor referencial, ao passo que em (2) temos um valor afetivo.

Deste modo, pode-se notar que para um francófono, do mesmo modo que para um hispanófono, aprender a colocação do adjetivo em língua portuguesa não será tão complicado, dada a similaridade com sua língua.

Para a LÍNGUA ITALIANA encontramos referências no livro *Prego!*, publicado em Nova Iorque. O livro deixa claro que a regra no italiano é nome seguido de adjetivo. Todavia, por razões estilísticas, certos adjetivos precedem o nome que eles modificam.

2. When used with a noun, most adjectives follow the noun

*una ragazza **carina***                      *a **pretty** girl*

*due lezioni **facili***                      *two **easy** lessons* (grifo nosso)

(...)

In addition, the following commonly used descriptive adjectives precede the noun they modify (but may also follow when en-

phasis is needed): **bello, brutto, buono, cattivo, grande, piccolo, bravo** (good = able), **altro**.

*Hanno una **bella** casa. They have a **beautiful** house.*

*Mario è un **bravo** professore. Mario is a **good** teacher.*

*È una **piccola** città. It's a **small** town [p. 31] (grifo nosso)*

Do mesmo modo que o espanhol, a língua italiana apresenta proximidades com a portuguesa. E isso vai causar o mesmo risco de fossilização entre os alunos. Nós temos como exemplo a forte colonização italiana em São Paulo, lugar no qual ainda encontramos pessoas idosas que vivem no Brasil há décadas, mas não dominam completamente a língua portuguesa. Seu vocabulário é relativamente restrito e suas flexões desobedecem às regras portuguesas pois, como já foi dito, o processo comunicativo é estabelecido.

A LÍNGUA INGLESA não nos apresenta muitas surpresas no que tange ao uso dos adjetivos. Sua colocação é sempre anterior ao nome a que se refere, embora haja casos mínimos em que ocorra a posposição.

We use adjectives after *be/get/become/seem*:

- **Be careful!**
- As the film went on, it **became** more and more **boring**.
- Your friend **seems** very **nice**.
- **I'm tired** and I'm **getting hungry**.

We also use adjectives to say how somebody/something looks, feels, sounds, tastes or smells:

You **look** tired./I **feel** tired./She **sounds** tired.

The dinner **smells good**.

This tea **tastes** a bit **strange**. [Murphy; p. 196] (grifo deles)

Assim, pode-se deduzir que para um anglofalante compreender a mobilidade dos adjetivos em língua portuguesa é uma tarefa mais difícil do que para um falante nativo de espanhol, francês ou italiano. Do mesmo modo, a tarefa do professor de PLE torna-se mais complexa, pois requer mais empenho no ensino, dada a possível dificuldade de compreensão do aluno.

Por fim, chegamos à LÍNGUA ALEMÃ. Acerca dos adjetivos alemães, pode-se dizer que sua ordem na frase é eminentemente a anteposição diante do substantivo a que se refere. Todavia, há certos casos especiais em que isto não acontece, por força de certas estruturas sintáticas ou de palavras. Não nos deteremos nestas análises aqui por representarem um grupo relativamente pequeno e previsível de ocorrências. Apenas as explicaremos (Nota: todo substantivo alemão é escrito em letras maiúsculas, o que vai facilitar seu reconhecimento nas frases).

A ocorrência normal dos adjetivos em alemão é a seguinte:

*Das **neue** Auto.*

*O **novo** automóvel.*

*Der **alter** Mann.*

*O homem **velho**.*

*Die **schöne** frau.*

*A mulher **bonita**.*

Compare agora com as seguintes estruturas, onde os adjetivos ocorrem pospostos ao termo a que se referem (para facilitar a compreensão, sublinhamos os elementos sintáticos referidos).

a) Regem um complemento no acusativo

*Ich bin den Ärger leid. Estou **farto** deste aborrecimento.*

b) Regem um complemento no dativo

*Ich bin ihr nicht bese. Não estou **zangado** com ela.*

c) Regem um complemento do genitivo

*Sie ist sich der Gefahr bewusst. Ela está **consciente** do perigo.*

d) Regem um complemento precedido das seguintes preposições

(...)

*Dieser Wagen ist für grosse (zu grossen) Reisen nicht **geeignet**.*

*Este carro não é **adequado** para grandes viagens.*

(ELKER, p. 170-173) (grifo nosso)

Assim, pode-se dizer também que para um falante nativo do alemão, lidar com as nossas flutuações na colocação dos adjetivos vai lhe custar algum tempo para a devida compreensão e demandará do professor atenção especial. Uma vantagem a ser considerada, como já foi dito anteriormente, diz respeito ao próprio grupo: como já foi dito, os estudantes alemães são muito minuciosos no aprendizado da gramática o que poderá facilitar o trabalho do professor, mas demandará dele mais empenho, pois seu público alvo é mais exigente.

Por fim, tratemos das LOCUÇÕES ADJETIVAS. Analisemos primeiramente seu comportamento em língua portuguesa: elas podem ser substituídas por um adjetivo ou não. E quando substituídas por um adjetivo seu sentido pode ser alterado ou não. Vejamos

- (1) Raio de sol.
- (2) Raio solar.

A substituição da locução pelo adjetivo não implica em grande variação de significado. (Sabemos que cada palavra é completamente diferente de outra, logo, “de sol” e “solar”, ensejam significados distintos *per se*, mas não o suficiente para gerar um distanciamento nos significados. (ULLMANN, p. 94]) Comparemos os exemplos acima com os dois a seguir:

- (3) Linha de ferro.
- (4) Linha férrea.

Neste caso, a substituição da locução adjetiva pelo adjetivo muda o significado da frase, uma vez que “linha férrea” já é uma forma cristalizada na língua, demandando assim significados específicos.

Note agora a diferença destes últimos exemplos:

- (5) Brinquedo da china.
- (6) Brinquedo chinês.
- (7) Negócio da china.
- (8) \*Negócio chinês.

Em (6) encontramos um caso semelhante ao caso (2). Todavia, (8) é um caso impossível. Para um falante nativo, tal substituição não constitui grande problema dado seu domínio nato da língua, mas para um aluno de PLE, ela constitui uma grande dificuldade. Mais uma vez, isso demanda esforço por parte do professor para o devido ensino ao aluno.

Por fim, podemos concluir este breve artigo dizendo que o ensino da mobilidade dos adjetivos em língua portuguesa para os estrangeiros é um desafio para um professor de PLE, todavia não se pode dizer que é um desafio maior ou menor do que outros temas gramaticais. Ser professor é ter disposição para encarar desafios, sejam quais forem, e se renovar a cada dia.

## Referências Bibliográficas

Nota: Não foi possível incluir a lista de referências das crônicas jornalísticas consultadas.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de; LOMBELO, Leonor C. (Orgs.). O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais. 2. ed. Campina: Pontes, 1997.

ASSIS, Machado de. <<http://www.kirjasto.sci.fi/machado.htm>> acessado em 21 de outubro de 2005

BECHARA, Evanildo. Ensino de gramática. Opressão ou liberdade. 9.ed. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

CURSO DE IDIOMAS GLOBO. Espanhol. Rio de Janeiro: Editora Globo. 1996. 18 vol. 72 unid.

LAZZARINO, Grazziona. Prego! 2. ed. New York: Random House, 1984.

MURPHY, Raymond. English grammar in use: a reference book for intermediate studies. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

POISSON-QUINTON, Sylvie; MIMRAM, Reine; COADIC, Michele Mahéo-Le. Grammaire expliquée du français. Tours: CLE International, 2004.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA (Comissão de Gramática). Esbozo de una nueva gramática de la lengua española. 14. ed. Madrid: Espasa-Colpe, 1995.

ULLMANN, Stephen. Semântica: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

WELKER, Andreas Herbert. Gramática alemã. Distrito Federal: EdUnb, 1992.